BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

O PROCESSO DE LUTO NA ADOLESCÊNCIA: ASPECTOS PSICOLÓGICOS, EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS E POSSIBILIDADES DE ACOLHIMENTO

GRIEF DURING ADOLESCENCE: PSYCHOLOGICAL ASPECTS, SUBJECTIVE EXPERIENCES, AND POSSIBILITIES FOR CARE

EL DUELO EN LA ADOLESCENCIA: PARTICULARIDADES PSICOLÓGICAS Y SOCIALES, EXPERIENCIAS SUBJETIVAS Y POSIBILIDADES DE ACOMPAÑAMIENTO

https://doi.org/10.56238/bocav25n84-020

Data de submissão: 11/10/2026 **Data de publicação:** 11/11/2026

João Pedro Sousa dos Santos
Acadêmico do curso de Psicologia
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: joao.pedro8@discente.ufma.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0002-2595-812X
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4293054333552237

Venilson Cardoso da Silva
Acadêmico do curso de Psicologia
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: venilson.cs@discente.ufma.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0001-1962-3326
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4688470193083829

José Assunção Fernandes Leite
Professor do curso de Filosofia
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: jose.fernandes@ufma.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3626900000959533

Francisca Morais da Silveira
Professora do curso de Psicologia
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: francisca.silveira@ufma.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0325-065X
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0012238764045677

Carlos Santos Leal
Professor do curso de Psicologia
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: carlos.leal@ufma.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0009-9385-2504
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7949486810256742

RESUMO
Este artigo objetiva analisar as particularidades psicológicas e sociais do processo de luto na adolescência, considerando às experiências subjetivas de perda, suas repercussões emocionais e à importância dos vínculos familiares e sociais. Trata-se de pesquisa de finalidade básica pura, abordagem qualitativa, objetivo exploratório e procedimento bibliográfico. A análise interpretativa da literatura organiza-se em quatro eixos: subjetividade do luto, repercussões emocionais, vínculos e redes de apoio e processos de enfrentamento e ressignificação. A discussão indica que a experiência de luto não segue necessariamente etapas universais e deve ser compreendida à luz das transformações cognitivas, identitárias e relacionais próprias da adolescência. Conclui-se que o acolhimento sensível à singularidade do adolescente e o reconhecimento de suas perdas constituem dimensões relevantes para o cuidado psicológico.

Palavras-chave: Adolescência. Luto. Perda. Saúde Mental. Acolhimento Psicológico.

ABSTRACT
This article aims to analyze the psychological and social particularities of grief during adolescence, considering subjective experiences of loss, emotional repercussions, and the role of family and social bonds. This is basic research with a qualitative approach, an exploratory objective, and bibliographic procedures. The interpretive analysis is organized around four themes: the subjectivity of grief, emotional repercussions, social support, and coping and meaning-making. The discussion suggests that grief does not necessarily follow universal stages and should be understood in light of the cognitive, identity-related, and relational changes of adolescence. Psychological support should recognize each adolescent's unique experience of loss.

Keywords: Adolescence. Grief. Loss. Mental Health. Psychological Support.

RESUMEN
Este artículo tiene como objetivo analizar las particularidades psicológicas y sociales del duelo en la adolescencia, considerando las experiencias subjetivas de pérdida, sus repercusiones emocionales y la importancia de los vínculos familiares y sociales. Se trata de una investigación básica pura, con enfoque cualitativo, objetivo exploratorio y procedimiento bibliográfico. El análisis interpretativo de la literatura se organiza en cuatro ejes: subjetividad del duelo, repercusiones emocionales, redes de apoyo y procesos de afrontamiento y resignificación. La discusión indica que el duelo no sigue necesariamente etapas universales y debe comprenderse a la luz de los cambios cognitivos, identitarios y relacionales de la adolescencia. Se concluye que el acompañamiento psicológico debe reconocer la singularidad de cada experiencia.

Palabras clave: Adolescencia. Duelo. Pérdida. Salud Mental. Apoyo Psicológico.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, faz-se necessário apontar que o desenvolvimento humano se apresenta dentro de etapas características, usadas como referencial no estudo da Psicologia do Desenvolvimento. Nesse sentido, uma dessas etapas, que segundo Calligaris (2000), não é biológica, mas social, é a adolescência, apontada na literatura científica como um momento atrelado ao marco biológico da puberdade e às mudanças corporais associadas, bem como a capacidade de abstração, indicada por Jean Piaget como o pensamento formal, que possibilita ir além do concreto, trabalhar com conceitos abstratos, como o luto, por exemplo (Shaffer; Kipp, 2012).

A adolescência constitui um período de reorganização das relações com o próprio corpo, com os vínculos familiares e com os grupos de pertencimento. Por isso, perdas decorrentes da morte de pessoas significativas, de rupturas afetivas ou de mudanças nas condições de vida podem adquirir sentidos específicos, que não se explicam apenas pela idade cronológica. A possibilidade de refletir abstratamente sobre a finitude não implica, por si só, disponibilidade emocional para elaborar todas as consequências de uma perda (Calligaris, 2000; Shaffer; Kipp, 2012).

O luto, embora constitua uma experiência humana amplamente reconhecida, nem sempre encontra espaço de expressão nas relações familiares, escolares e institucionais. Expectativas sociais sobre a duração do sofrimento e sobre formas consideradas adequadas de manifestação emocional podem produzir silenciamento, especialmente quando a perda do adolescente é minimizada.

Diante desse cenário, pergunta-se: como as particularidades psicológicas e sociais da adolescência influenciam a vivência do luto e quais contribuições a literatura científica apresenta para a compreensão e o acolhimento dessa experiência? A relevância do estudo reside na possibilidade de integrar conhecimentos sobre desenvolvimento psicológico, perdas e redes de apoio, contribuindo para práticas de escuta menos normativas e mais atentas à singularidade.

O objetivo geral consiste em analisar as particularidades psicológicas e sociais do processo de luto na adolescência, considerando as experiências subjetivas de perda, suas repercussões emocionais e a importância dos vínculos familiares e sociais. Especificamente, busca-se compreender concepções teóricas do luto; discutir suas particularidades no desenvolvimento adolescente; examinar a participação dos vínculos sociais na experiência de perda; e identificar possibilidades de acolhimento e ressignificação descritas na literatura.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa de finalidade básica pura, abordagem qualitativa, objetivo exploratório e procedimento bibliográfico. Sua finalidade é ampliar a compreensão teórica do luto na adolescência, sem produção de dados empíricos por entrevistas, questionários ou observação de campo. A abordagem qualitativa permite interpretar dimensões subjetivas, emocionais e socioculturais que não se reduzem a indicadores numéricos.

O corpus de discussão é constituído pelas obras e publicações efetivamente citadas no texto, incluindo estudos sobre desenvolvimento psicológico, reflexões teóricas sobre o luto e materiais institucionais de orientação. Para a seleção dessas produções, foram realizadas buscas nas plataformas digitais SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Scribd, com os descritores luto, adolescência e Psicologia do desenvolvimento, sem delimitação de recorte temporal, considerando-se à relevância das contribuições teóricas de diferentes períodos para a compreensão do fenômeno investigado, além de obras físicas. Como critérios de inclusão, foram consideradas obras publicadas em língua portuguesa que abordassem a temática proposta e apresentassem contribuições pertinentes aos objetivos do estudo. Como critérios de exclusão, foram desconsideradas as publicações que não contemplassem o objeto de investigação ou que não apresentassem relação direta com a problemática pesquisada. Dessa forma, a constituição do corpus bibliográfico fundamentou-se na pertinência temática das produções selecionadas, buscando reunir diferentes perspectivas teóricas que contribuíssem para a compreensão do processo de luto na adolescência.

O material foi organizado por leitura e interpretação temática em quatro eixos: (a) luto como experiência subjetiva; (b) repercussões psicológicas e emocionais da perda na adolescência; (c) influência dos vínculos familiares e sociais; e (d) enfrentamento e ressignificação. A discussão procura estabelecer aproximações e tensões entre os argumentos das fontes, sem apresentar os achados bibliográficos como resultados de entrevistas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O LUTO COMO EXPERIÊNCIA SUBJETIVA: PERDAS, PESAR E SOFRIMENTO PSICOLÓGICO

Inicialmente, Luna e Bustamante (2025) definem o luto como perda, seja por morte ou rompimento, situação que gera sofrimento cognitivo, social, emocional e espiritual. Dessa forma, essa situação leva o indivíduo a diversos comportamentos ligados ao luto, como a ansiedade de separação

e sentimentos como a saudade, culpa, angústia etc. O HCFMRP-USP (2021), aponta esse processo como uma reação normal, física e emocional que se mostra diante de perdas importantes em nossa vida, que são inerentes à existência humana. Assim, tal momento é marcado por oscilações emocionais que se mostram mais evidentes quando a situação é recente.

Nesse sentido, como apontado anteriormente, as perdas estão diretamente ligadas à vida e aos processos vivenciados, o enlutamento está presente desde o nascimento até o fim da vida. Dessa forma, as perdas podem ser o rompimento romântico, o fim de uma amizade, a perda de funções corporais, a perda de uma pessoa querida, de um pet, dentre outras perdas. Além disso, também existem as perdas não reconhecidas socialmente, tais como a morte de um namorado numa relação homoafetiva não reconhecida e a perda de filhos tidos como criminosos, por exemplo (Luna; Bustamante, 2025).

A manifestação do sofrimento do indivíduo se dá de acordo com a cultura em que se está inserido, onde questões como gênero e espiritualidade apontam as características das celebrações e vivências socialmente construídas. Assim, frente as perdas pode-se ter lamento, contexto onde o indivíduo pode expressar dúvidas sobre seu futuro, como quando se diz “não sei como será minha vida daqui para frente” ou, no caso específico de famílias “o que será de nós?”. Contudo sabe-se que o enlutamento pode ser vivenciado em conjunto com outras pessoas, e isso faz muita diferença nesta vivência, principalmente quando pessoas próximas e amigos se mostram presentes nos ritos, influênciando positivamente no processo do enlutado, principalmente pelo sentimento de confiança e amparo (Luna; Bustamante, 2025).

Ademais, outros fatores podem contribuir significativamente nessa vivência existencial, como conversar, falar sobre a pessoa que morreu, escrever, fazer atividade física leve, ter paciência durante o processo e pedir ajuda sempre que precisar. Além disso, também é fundamental aprender a conviver com lembranças e datas importantes. Desse modo, não há certo ou errado, cada enlutado tem uma vivência única que não pode ser generalizada, cada luto é único (HCFMRP-USP, 2021).

A distinção entre luto e pesar é útil para compreender que a experiência da perda envolve tanto processos subjetivos de adaptação quanto manifestações afetivas que variam no tempo. Não é possível inferir, apenas pela intensidade ou duração de uma reação, uma trajetória universal de elaboração. As condições de reconhecimento social da perda e as possibilidades concretas de apoio devem integrar a compreensão do sofrimento.

3.2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O PROCESSO DE LUTO

A princípio, Luna e Bustamante (2025) apontam a teoria dos cinco estágios do luto, proposta por Elisabeth Küber-Ross, onde o primeiro momento é caracterizado pela negação, que se dá logo após a morte ou rompimento, situação onde é comum o enlutado não acreditar no que está acontecendo. Nesse contexto, tal momento é seguido da raiva, onde a pessoa, não podendo negar a situação diante dos fatos, passa a se questionar o porquê daquilo ter acontecido. Assim, em face do contexto vivido e da ineficácia da raiva diante da situação, tende-se à uma barganha, momento marcado pelo direcionamento ao transcendental, onde promessas e súplicas podem ser feitas.

Nessa direção, após voltar-se ao transcendental e não obter o que intenciona, apresenta-se a depressão, situação que representa a reação natural à tristeza gerada pela perda, momento em que o enlutado mostra-se emotivo e triste. No que segues, com o tempo, vem à aceitação, momento marcado pela compreensão da irreparabilidade da perda ou rompimento, contexto em que a reconstrução e ressignificação da vida começam a se mostrar mais evidentes (Luna; Bustamante, 2025).

No entanto, como sinalizam Luna e Bustamante (2025), tal visão do luto é problemática, por considerá-lo em etapas determinadas, uma vez que pode-se criar à ideia de enlutados fracassados, ou seja, pessoas que não conseguiram alcançar tais estágios. Nesse sentido, outras visões devem ser consideradas, principalmente aquelas que compreendem o luto como algo dinâmico e subjetivo, marcado pelas idiossincrasias que caracterizam a unicidade de cada luto. Nessa direção, tem-se o modelo do processo dual do luto de Strove e Henk Schut, marcado por uma oscilação entre lidar com a perda e a necessidade de reestruturar a vida sem o ente ou relação perdida. Assim, tal situação mostra-se no cotidiano onde percebe-se certa oscilação emocional e comportamental em indivíduos enlutados, principalmente diante de datas importantes, onde as emoções se mostram mais evidentes.

Nesse tocante, cabe compreender que o processo existencial abordado é variável. Desse modo, geralmente nas primeiras horas o indivíduo fica perplexo sobre o que aconteceu, assim, o enlutado protesta contra a morte e busca entender o que poderia fazer, momento em que o sentimento de culpa pode se mostrar. Nesse contexto, à intensidade do pesar inicial depende da compreensão que cada indivíduo tem da morte (Luna; Bustamante, 2025).

Nessa dinâmica, com o tempo o pesar pode variar em intensidade, dado que o indivíduo continua tentando compreender o porquê da morte ter acontecido. Desse modo, nessa dinâmica subjetiva, as ondas de tristeza tendem a reduzir com o tempo. Nesse contexto, à estratégia de elaboração envolve criar rituais pessoais para se despedir e aceitar a imutabilidade da morte, assim,

novos significados podem ser construídos e as memórias preservadas. Dessa forma, o processo do enlutado pode ser vivenciado de maneira mais saudável, sempre respeitando seus limites e sua idiossincrasia (Luna; Bustamante, 2025).

As descrições por estágios podem funcionar como linguagem de aproximação a certas reações, mas não devem ser convertidas em roteiro obrigatório. A literatura discutida no artigo chama atenção para a alternância de emoções, a imprevisibilidade dos gatilhos e a diversidade de maneiras de manter vínculos simbólicos com os entes queridos (Luna; Bustamante, 2025).

3.3 A COMPREENSÃO DA MORTE E AS EXPERIÊNCIAS DE PERDA NA INFÂNCIA

Inicialmente, como apontam Luna e Bustamante (2025), a maneira como as crianças expressam o pesar depende da fase do desenvolvimento, assim uma criança de dois anos, por exemplo, já percebe a ausência dos cuidados na alimentação com a morte da mãe ou pessoa responsável por aquilo. Enquanto indivíduos entre três e cinco anos nutrem a ideia do retorno do falecido, frequentemente questionando sobre o ente querido. Nesse contexto, o HCFMRP-USP (2021) indica ser necessário levar em consideração a idade, nível de maturidade e a personalidade, ao falar sobre o luto na infância e demais momentos da vida. Desse modo, no caso de crianças, é preciso conversar com paciência, trata-se de algo não concreto, portanto ainda não acessível à criança que se encontra na fase do pensamento concreto, como indica Shaffer (2012) sobre a teoria de Jean Piaget.

Ademais, diante desse processo existencial, mudanças podem se mostrar no comportamento da criança, como episódios de raiva, regressão a comportamento superados e dificuldade em concentração, situações compreensíveis diante da atipicidade dos movimentos ao seu redor. Assim, é muito importante saber acolher a criança, principalmente em momentos de choro, afinal, essa é a forma encontrada de expressar sua vivência do luto. Nesse cenário, também é fundamental tentar manter a rotina da criança, para evitar fatores estressores adicionais (HCFMRP-USP, 2021).

No mais, diante dessa situação vivencial, pode-se auxiliar o infante a se expressar através de histórias, desenhos, brincadeiras etc., fator positivo, diante da complexidade da vivência. Além disso, outras atividades também podem auxiliar, como a montagem de livros de memória e caixa de memória, por exemplo (HCFMRP-USP, 2021).

A discussão sobre o luto na infância contribui para compreender que o contato com a morte e as experiências de perda não surgem de maneira súbita na adolescência, mas constituem vivências que podem estar presentes desde as primeiras etapas do desenvolvimento humano. Portanto, é importante

que o tema da morte também seja abordado em desenhos, histórias infantis e orientações oferecidas por adultos de referência, respeitando-se as particularidades do desenvolvimento cognitivo e emocional de cada criança.

3.4 PARTICULARIDADES PSICOLÓGICAS E EMOCIONAIS DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA E POSSIBILIDADES DE ACOLHIMENTO

Inicialmente, é importante considerar que à adolescência constitui uma etapa do desenvolvimento marcada pela ampliação da capacidade de pensamento abstrato e reflexivo, característica do pensamento formal, conforme assinala Shaffer (2012). Nesse período, o desenvolvimento das habilidades cognitivas, incluindo à abstração e a metacognição, possibilita ao adolescente compreender a morte de maneira mais complexa, reconhecendo seu caráter permanente e irreversível. Entretanto, essa compreensão cognitiva não significa, necessariamente, maior facilidade para lidar emocionalmente com as experiências de perda. Diante das angústias, da tristeza e de outros sentimentos associados ao luto, alguns adolescentes podem adotar atitudes de aparente indiferença ou distanciamento emocional, evitando pensar ou falar sobre a perda vivenciada. Tais manifestações podem constituir formas de proteção diante do sofrimento psíquico, fazendo com que o adolescente aparente estabilidade emocional, embora esteja vivenciando internamente sentimentos intensos relacionados à ausência e à perda. (HCFMRP-USP, 2021).

Antônio e Teotônio (2021) destacam que à imaginação desempenha um papel importante no processo de elaboração do luto durante à adolescência, uma vez que possibilita a reelaboração das experiências de perda e a construção de novos significados diante da ausência do ente querido. Segundo os autores, o afastamento momentâneo da realidade, quando não se configura como uma forma persistente de evitação do sofrimento, pode contribuir positivamente para o enfrentamento da perda, oferecendo ao adolescente um espaço subjetivo para lidar com sentimentos e emoções associados ao luto. Nessa perspectiva, à imaginação pode constituir um recurso psicológico significativo na elaboração da ruptura dos vínculos estabelecidos, favorecendo a reorganização das experiências afetivas, a reconstrução de si e a ressignificação da realidade diante da ausência da pessoa falecida.

Na adolescência, a perda pode repercutir na percepção de continuidade da própria história, nos projetos de futuro e na confiança nas relações. A procura de autonomia pode coexistir com intensa necessidade de amparo, e o silêncio não deve ser interpretado automaticamente como ausência de

sofrimento. Espaços de expressão compatíveis com as preferências do adolescente podem favorecer à elaboração de significados (Antônio; Teotônio; Daspet, 2021).

Destarte, propõe-se que é possível os adolescentes buscarem auxílio durante o processo existencial do luto, principalmente em atendimentos psicológicos, como o serviço-escola do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão e demais instituições de formação acadêmica, além do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), atendimentos de urgência e grupos de apoio ao luto.

Por fim, o acolhimento psicológico deve considerar as condições concretas de vida, o pertencimento familiar, escolar e a possibilidade de apoio comunitário, sem pressupor corrigir sentimentos nem impor prazos para a recuperação, visto que à elaboração do luto na adolescência não deve pressupor a superação definitiva da perda, mas a possibilidade de ressignificação da experiência vivenciada.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A leitura articulada das fontes permite compreender o luto como experiência singular, relacionada tanto ao significado da perda quanto à história dos vínculos estabelecidos. Essa perspectiva questiona explicações que tratam reações emocionais como sequências necessárias e homogêneas. As contribuições de Luna e Bustamante (2025) são especialmente relevantes ao enfatizar a variabilidade do pesar e a importância das condições socioculturais de sua expressão.

Para o adolescente, a perda pode afetar não apenas a relação com a pessoa ausente, mas também a compreensão de si e do próprio futuro. O processo não se resume à superação de sintomas: inclui a elaboração de sentidos e a reorganização das formas de pertencimento. Assim, a análise bibliográfica aponta a necessidade de reconhecer tanto perdas concretas quanto rupturas simbolicamente significativas.

4.1 REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS E EMOCIONAIS DA PERDA NA ADOLESCÊNCIA

A discussão não autoriza estabelecer uma manifestação emocional típica para todos os adolescentes. Oscilações entre aproximação e afastamento, desejo de falar e necessidade de silêncio podem ser compreendidas em seu contexto, evitando tanto a patologização precipitada quanto a negligência de sofrimento persistente que demande avaliação profissional.

4.2 A INFLUÊNCIA DOS VÍNCULOS FAMILIARES E SOCIAIS NA EXPERIÊNCIA DO LUTO

As relações familiares, escolares e de amizade podem oferecer continuidade, proteção e oportunidades de narrar a perda. Ao mesmo tempo, mensagens que exigem força, rapidez na recuperação ou contenção das emoções podem limitar a expressão do sofrimento. A literatura reunida sugere que o apoio não depende apenas da presença física de outras pessoas, mas de sua disponibilidade para reconhecer o significado da perda.

4.3 PROCESSOS DE ENFRENTAMENTO E RESSIGNIFICAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE PERDA

A ressignificação não deve ser entendida como apagamento da memória ou obrigação de encontrar um aspecto positivo na perda. Pode envolver a construção gradual de novas rotinas, a manutenção de lembranças e a possibilidade de integrar à ausência à própria narrativa de vida. As atividades expressivas e o diálogo, quando desejados pelo adolescente, podem facilitar a comunicação de sentimentos (HCFMRP-USP, 2021).

Identifica-se no material estudado que estratégias de enfrentamento devem ser avaliadas em função de seu sentido para a pessoa, não de sua conformidade com etapas pré-estabelecidas. Dessa forma, o acolhimento e o respeito à autonomia aparecem como princípios transversais à compreensão psicológica do luto.

O estudo buscou analisar o luto na adolescência a partir de suas dimensões subjetivas, psicológicas e sociais. A literatura examinada sustenta a compreensão de que as experiências de perda são heterogêneas e atravessadas pelas transformações identitárias, cognitivas e relacionais próprias desse período do desenvolvimento.

A análise também evidenciou a relevância das redes familiares, escolares e comunitárias, que podem favorecer a expressão do sofrimento ou, quando marcadas por expectativas normativas, contribuir para seu silenciamento. O acolhimento psicológico exige atenção às particularidades da pessoa, reconhecimento da perda e respeito aos modos singulares de enfrentamento.

Como limitação, destaca-se o caráter bibliográfico e exploratório do estudo, que não permite generalizações empíricas sobre adolescentes enlutados. Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem a diversidade sociocultural das experiências de luto e investiguem práticas de apoio em diferentes contextos, observados os cuidados éticos pertinentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito compreender as experiências de luto na adolescência, considerando suas repercussões psicológicas e emocionais, à influência dos vínculos familiares e sociais e as possibilidades de enfrentamento e ressignificação diante da perda. A partir da análise da literatura, foi possível reconhecer que o luto constitui uma experiência humana singular, cuja manifestação está relacionada à história de vida, à natureza dos vínculos afetivos, às circunstâncias da perda e aos recursos subjetivos e sociais disponíveis ao adolescente.

A discussão teórica evidenciou que a vivência do luto durante a adolescência apresenta particularidades relacionadas às transformações físicas, psicológicas, emocionais e sociais, comuns nesse período do desenvolvimento humano. Por se tratar de uma etapa marcada pela reorganização da identidade, pela ampliação das relações interpessoais e pela construção progressiva da autonomia, a experiência de perda pode repercutir significativamente na maneira como o adolescente compreende a si mesmo, estabelece seus vínculos e atribui sentidos à própria existência.

Nesse contexto, compreendeu-se que as manifestações emocionais decorrentes do luto não seguem necessariamente uma sequência linear ou universal. Sentimentos de tristeza, angústia, medo, insegurança, raiva e solidão podem apresentar-se de diferentes maneiras e intensidades, não sendo possível estabelecer um padrão único de elaboração da perda. Assim, a compreensão do sofrimento psicológico exige considerar a singularidade de cada adolescente, evitando interpretações reducionistas que desconsiderem suas experiências subjetivas e os contextos nos quais se encontra inserido.

Outro aspecto relevante identificado na literatura refere-se à importância das relações familiares e sociais no processo de enfrentamento do luto. Os vínculos estabelecidos com familiares, amigos, professores e outras pessoas significativas podem constituir importantes fontes de acolhimento e apoio emocional. Entretanto, quando esses ambientes são marcados pela ausência de diálogo, pela invalidação dos sentimentos ou pela exigência de superação imediata da perda, podem contribuir para o silenciamento do sofrimento e dificultar sua expressão. Dessa maneira, destaca-se a necessidade de reconhecer o adolescente como sujeito capaz de atribuir significados às próprias experiências, respeitando seus modos particulares de vivenciar e comunicar a dor.

No que se refere aos processos de enfrentamento e ressignificação, a análise bibliográfica permitiu compreender que a elaboração do luto não implica necessariamente o esquecimento da pessoa ou da experiência perdida, mas a possibilidade de integrar essa ausência à continuidade da própria

história. Nesse percurso, a preservação das lembranças, a reorganização dos vínculos afetivos, a construção de novos significados e a retomada gradual das atividades cotidianas podem contribuir para que o adolescente encontre possibilidades de continuidade existencial, sem que isso represente a negação de seu sofrimento.

Sob essa perspectiva, ressalta-se à importância de uma atuação psicológica fundamentada no acolhimento, na escuta sensível e no respeito à singularidade da experiência humana. A compreensão do luto como fenômeno subjetivo requer uma postura profissional que não imponha modelos previamente estabelecidos de enfrentamento, tampouco considere manifestações emocionais próprias da perda como indicadores necessariamente patológicos. Isso não significa desconsiderar situações de sofrimento intenso, persistente ou incapacitante, mas reconhecer a necessidade de uma avaliação contextualizada, capaz de identificar demandas específicas de cuidado psicológico.

Considerando a natureza bibliográfica desta investigação, reconhece-se que seus resultados correspondem a uma interpretação teórica das produções analisadas, não permitindo generalizações sobre as experiências de todos os adolescentes enlutados. Nesse sentido, destaca-se à relevância de futuras pesquisas empíricas, especialmente aquelas fundamentadas em abordagens qualitativas e fenomenológicas, que possibilitem compreender, a partir das narrativas dos próprios adolescentes, os significados atribuídos à perda, as repercussões em suas relações interpessoais e os recursos mobilizados durante o processo de elaboração do luto.

Por fim, conclui-se que o luto na adolescência deve ser compreendido para além de suas manifestações emocionais imediatas, considerando sua complexidade psicológica, relacional e existencial. A experiência de perda, embora possa produzir sofrimento significativo, não determina uma trajetória única de desenvolvimento ou de reorganização subjetiva. Desse modo, o reconhecimento da singularidade do adolescente, associado à disponibilidade de relações acolhedoras e de espaços legítimos de expressão emocional, constitui um elemento fundamental para a compreensão e o acompanhamento desse processo. Compreender o luto nessa etapa da vida significa, sobretudo, reconhecer o adolescente como sujeito de experiências, sentimentos e significados próprios, cuja dor necessita ser escutada, legitimada e respeitada em sua particularidade.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Carolina Cubas; TEOTÔNIO, Everton; DASPET, Celina. Luto na adolescência: reflexões a partir do filme “Sete minutos depois da meia-noite”. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 7, n. 11, p. 1166-1176, nov. 2021. DOI: https://doi.org/10.51891/rease.v7i11.3158. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/pt_BR/article/view/3158. Acesso em: 03 maio. 2026.

CALLIGARIS, Contardo. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000. E-book (PDF). Disponível em: https://pt.scribd.com/document/843449577/2000-Livro-a-Adolescencia-CALLIGARIS. Acesso em: 01 abril. 2026.

CORMANICH, Eduardo Luis; CASTAÑON, Gustavo Arja. O conceito de psicologia fenomenológica na obra husserliana e suas implicações para a psicologia. Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity, Belém, v. 10, n. 3, p. 143-165, set./dez. 2018. DOI: https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo41. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000300011. Acesso em: 30 outubro. 2026.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Cartilha de orientações sobre luto para profissionais da área de saúde. Ribeirão Preto: HCFMRP-USP, [2021]. E-book (PDF). Disponível em: https://www.fmrp.usp.br/wp-content/uploads/sites/356/2022/03/Cartilha-de-Suporte-ao-Luto.pdf. Acesso em: 04 agosto. 2026.

LUNA, Ivânia Jann; BUSTAMANTE, Luiza Lopes. Luto: perguntas e respostas. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2025. 46 p. E-book (PDF). ISBN 978-85-8328-360-7. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/265386/Luto_perguntas_respostas.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 04 agosto. 2026.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução de Paulo Menezes. 10. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. O desenvolvimento físico: cérebro, corpo, habilidades motoras e sexuais. In: SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. Tradução da 8. ed. norte-americana. São Paulo: Cengage Learning, 2012. cap. 6, p. 239-240. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/514774422/Livro-Psicologia-Do-Desenvolvimento-8-Ed-Shaffer-Kipp. Acesso em: 30 julho. 2026.

SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. Desenvolvimento cognitivo: a teoria de Piaget e a visão sociocultural de Vygotsky. In: SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. Tradução da 8. ed. norte-americana. São Paulo: Cengage Learning, 2012. cap. 7, p. 274-307. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/514774422/Livro-Psicologia-Do-Desenvolvimento-8-Ed-Shaffer-Kipp. Acesso em 30 julho. 2026.